
ARTE

E PATRIMÔNIO

Música e literatura, imagens fotográficas e grafismos, escultura e cerâmica compõem a temática deste volume dedicado às artes pré-histórica e popular, em sua interface com a questão do patrimônio cultural, aqui enfocadas sob perspectivas disciplinares diversificadas.

As contribuições reunidas resultam, em sua maior parte, dos trabalhos decorrentes da organização da IV Semana do Patrimônio Cultural, organizada sob o lema da “Arte: da pré-história à cultura popular”, promovida pelo Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural (IGPA/UCG), com o apoio da CAPES.

Com o objetivo de reunir expoentes nacionais da temática e subsidiar a formação de profissionais e pesquisadores da questão, a Semana do Patrimônio tem sido organizada com periodicidade anual na cidade de Goiânia. A presente edição é devedora dos esforços conjuntos dos docentes Sibeli Aparecida Viana, Marlene Ossami de Moura, Klaas Woortmann e Izabel Missagia de Mattos que organizaram o evento ocorrido em novembro de 2006.

Trata-se, portanto, de uma edição especial deste periódico, que inclui, ao lado das conferências proferidas e de comunicações selecionadas entre as apresentadas por pesquisadores da temática Arte e Patrimônio, contribuições de autores presentes

no evento anterior ou que, mesmo não tendo participado, enviaram seus trabalhos, publicados na seção de artigos.

Seguindo seu projeto tradicional, o presente volume da *Habitus* publica os resumos das dissertações defendidas no MPGPC no segundo semestre de 2006; uma resenha e uma entrevista com o Prof. Carlos Rodrigues Brandão, concedida por ocasião da aula inaugural proferida para os alunos da primeira turma de graduação em Antropologia do IGPA – UCG.

Os primeiros artigos foram frutos de pesquisas arqueológicas realizadas nas reduções jesuíticas da Província do Paraguai e na Serra da Onça, em Minas Gerais.

A contribuição da Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira (UFRGS) refere-se ao campo da arte nas missões jesuíticas, em especial ao das esculturas – instrumentos privilegiados por sua eficácia para a cristianização dos indígenas. A abordagem semiótica utilizada permite à autora elaborar hipóteses sobre os motivos desse lugar privilegiado concedido pelos jesuítas à arte enquanto instrumento de cristianização. Como historicizou a autora, as imagens pictográficas e as esculturas foram utilizadas pelos missionários desde a descoberta da América, em razão do seu caráter vago e indefinido, sendo a utilização da escultura restrita às missões já estabelecidas. O conceito pierceano de “ressimbolização” constituiu a chave teórica para a interpretação do uso da arte na pedagogia jesuítica.

O artigos subseqüentes foram escritos a quatro mãos, privilegiando um diálogo interdisciplinar.

O extenso material levantado em pesquisa de campo e documental pela doutoranda em arqueologia, Profa. Ms. Alenice Baeta (UFMG), e pela antropóloga Profa. Dra. Izabel Missagia de Mattos (UCG), na região do médio vale do Rio Doce, em Minas Gerais, foi interpretado por meio de perspectivas diversificadas, seja da etnoarqueologia e da etnohistória, como patrimonial. Os abrigos e pinturas rupestres da Serra da Onça e do Boiadeiro, denominadas Takrukkak pelos indígenas, foram lidas por meio da relação simbólica que envolve o povo Krenak, que consideram sagrados os sítios pesquisados, em razão dos

significados atribuídos aos abrigos e pinturas, intimamente associados à sua identidade e memória social.

Os Profs. Drs. Elianda F. A. Tiballi e Luiz Eduardo Jorge (UCG), por sua vez, também considerando a imagem – neste caso, fotográfica – enquanto instrumento privilegiado na Educação, discutem, em seu artigo, as contribuições teóricas no campo de estudos da comunicação não-verbal inerente às pesquisas realizadas nas ciências humanas. Os autores analisam, ainda, particularidades da observação etnográfica que envolvem fotografia, detalhando especificidades do trabalho de campo “etnofotográfico”, assim denominado, enquanto instrumento diretamente aplicável a práticas educativas.

Finalizando a sessão de artigos, o Prof. Dr. Eduardo Diatahy de Menezes (UFC) defende uma hermenêutica da “narrativa popular em verso” – categoria que abrange a literatura de cordel – que incorpore necessariamente suas bases processuais e históricas, criticando sua interpretação e classificação por “ciclos temáticos”, que lhes amputaria a dimensão histórica e cultural presente em todo o processo de sua produção.

A sessão dedicada às conferências realizadas na IV Semana Nacional do Patrimônio Cultural inicia com as investigações sobre a cerâmica marajoara realizadas pela arqueóloga Profa. Dra. Denise Pahl Schaan (UFPA). Os significados simbólicos da iconografia marajoara, o fenômeno cultural contemporâneo no Pará, de incorporação da arte pré-histórica como forma de expressão de uma identidade regional, são temas abordados pela autora que ancora suas interpretações em abordagens etnológicas sobre a arte indígena, sobretudo o perspectivismo ameríndio e o estruturalismo, entre outros.

A conferência da Dra. Rosângela de Tugny, professora da Escola de Música e associada ao PPGAS da UFMG, abordou a temática das músicas tradicionais no Brasil, por meio de um mapeamento teórico deste campo de investigação, além de delinear algumas pistas importantes para a delicada tarefa de caracterizá-la empiricamente. A etnomusicóloga concluiu sua contribuição sem declinar da complexa problemática que envolve

o fenômeno contemporâneo da elaboração dos “produtos culturais” e que acaba por excluir deles os próprios atores culturais, impossibilitados de chegar às instâncias que os promovam. Por outro lado, não deixa de apontar para iniciativas que, de fato, têm permitido não apenas este acesso como sua efetiva participação no processo de transmissão das tradições.

A Profa. Dra. Edilene Matos (PUC-SP), fechando o ciclo de conferências do evento, situou a literatura de cordel sob a perspectiva dos estudos literários na tênue fronteira entre oralidade e escritura. Sua contribuição teórica, que considera o cordel como “voz poética”, foi complementada com o estudo sobre a trajetória do cordelista Cuíca de Santo Amaro, também publicado neste volume na seção de comunicações. Na trilha de Barthes, a autora não visou traçar uma biografia “cartorial” do mestre, realçando, outrossim, detalhes significativos de sua vida e obra capazes de revelar-lhe a “aura mítica”.

Além do mestre Cuíca, cuja memória foi resgatada no ano do centenário de seu nascimento por Edilene Matos, a seção de comunicações traz outra experiência com atores que podem ser denominados “guardiões da tradição”: trata-se dos artesãos do barro da região do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, cuja técnica e método de ensinamento foram captados pelo olhar da Profa. Dra. Sônia Missagia Mattos (UFES) por meio, sobretudo, da pesquisa de suas histórias de vida. Associar as peças de cerâmica, consideradas em sua função simbólica, às atividades diárias e experiências sociais dos artistas foi o exercício realizado por essa antropóloga.

Enfocar tais grandes mestres da cultura popular significa, de alguma forma, procurar “dar voz aos sem voz”, como ensinou Walter Benjamin por meio de sua filosofia que intencionava “fazer a história dos sem-história”.

A última comunicação do Prof. Ms. Wilton Medeiros constitui uma discussão teórica sobre a possibilidade de articular o campo de investigação da cultura popular com a antropologia urbana.

Finalmente, este número temático traz para o leitor a resenha de livro *A literatura de cordel no Nordeste do Brasil: da história escrita ao relato oral*, recentemente publicado pela antropóloga Julie Cavignac (UFRN), elaborada pela Ms. Fernanda Resende Costa (UCG).

Esperamos que a vivência afetiva inerente à pesquisa sobre as obras de arte, presente em todas as contribuições aqui reunidas, possa contaminar o leitor, especialmente interessado em preservá-las, bem como as condições sociais e ambientais para a sua produção.

Izabel Missagia de Mattos
pela Comissão Editorial